

JOSÉ POÇAS DAS NEVES

# ARTUR DE OLIVEIRA SANTOS

Um REPUBLICANO IDEALISTA

1 8 8 4 — 1 9 5 5

– O Administrador de Ourém ao tempo  
das Aparições de Fátima



Edições Colibri

# ÍNDICE

Prefácio.....	9
Notas introdutórias .....	15
1. Breve caracterização de Vila Nova de Ourém nos finais do século XIX .....	19
1.1. O território .....	19
1.2. A população.....	20
1.3. A economia.....	21
1.4. A rede viária e ferroviária.....	23
1.5. A Religião.....	25
1.6. A Educação.....	26
1.7. Vila Nova de Ourém nos finais do século XIX .....	27
2. O Nascimento de Artur de Oliveira Santos .....	33
3. A infância e a juventude .....	35
4. O casamento .....	43
5. Os ideais republicanos de Artur de Oliveira Santos durante a Monarquia .....	47
5.1. O nascimento dos primeiros filhos, Franklim e Democracia.....	53
5.2. Artur de Oliveira Santos e a organização republicana.....	56
5.3. Artur de Oliveira Santos jornalista .....	62
5.4. A luta política no concelho, nos anos finais da monarquia (1908 a 1910) .....	70

6. Artur de Oliveira Santos nos primeiros anos da República .....	81
6.1. A participação nos acontecimentos do 5 de Outubro de 1910 .....	81
6.2. A “limpeza moral”: as leis republicanas e a sua implementação no concelho de Vila Nova de Ourém .....	86
6.2.1 – Artur de Oliveira Santos e a republicanização do concelho .....	89
6.2.2. “Está o povo à espera!” .....	103
6.3. A cisão republicana em Ourém .....	108
6.4. A fundação do jornal <i>A Voz de Ourém</i> .....	115
6.5. Artur de Oliveira Santos e a luta política no concelho, em 1913 .....	117
7. A instabilidade política e o início da Primeira Grande Guerra (1914-1916) .....	127
7.1 – A luta partidária no concelho em 1914 .....	127
7.2. O início da Primeira Guerra Mundial .....	131
7.2.1. A actividade política de Artur de Oliveira Santos (1915-1916) .....	136
8. Entre a “loucura dos homens” e a “bondade divina” (1917-1919) .....	153
8.1. A entrada de Portugal na Grande Guerra e a luta política em Vila Nova de Ourém .....	153
8.2. As Aparições na Cova da Iria .....	158
8.2.1. A intervenção de Artur de Oliveira Santos em 13 de Agosto de 1917 .....	161
8.2.2. As aparições de Setembro e Outubro de 1917 .....	174
8.2.3. O desencadear de acções concretas na Cova da Iria .....	176
9. A oposição de Artur de Oliveira Santos à República Nova de Sidónio Pais .....	181
10. O regresso à “velha” República e a partida de Artur de Oliveira Santos para Lisboa .....	189

11. Artur de Oliveira Santos nos últimos anos da Primeira República (1920-1926).....	197
11.1. Artur de Oliveira Santos e os confrontos na Cova da Iria em 1920.....	198
11.2. A “morte” de Artur de Oliveira Santos.....	203
11.3. A luta política a partir de Lisboa.....	206
11.4. De novo Administrador do Concelho (1924-1926).....	213
11.5. 1926 e o fim do poder político de Artur de Oliveira Santos.....	220
12. As acções revolucionárias de Artur de Oliveira Santos contra a ditadura (1928 e 1931).....	225
13. Os anos do exílio (1931-1940).....	249
13.1. A fuga para Espanha.....	249
13.2. Os primeiros anos de exílio.....	252
13.3. A actividade conspiratória.....	259
13.4. Lutando pela sobrevivência.....	265
13.5. Artur de Oliveira Santos e a Guerra Civil Espanhola.....	269
13.6. A amnistia dos Centenários e o regresso a Portugal.....	274
14. O regresso a Portugal de Artur de Oliveira Santos (1941-1954).....	277
14.1. O fim do exílio e a vida em família.....	277
14.2. Artur de Oliveira Santos e a Casa de Ourém.....	284
14.2.1. A nova bandeira do Município de Vila Nova de Ourém.....	290
14.2.2. A criação da Casa de Ourém.....	295
14.3. As crónicas de João de Ourém (1944 a 1955).....	301
14.3.1. As crónicas sobre Espite.....	301
14.3.2. Os Homens da Nossa Terra.....	304
14.3.3. Reminiscências sem cronologia e Coisas palpáveis através de Ourém.....	306
14.3.4. O Largo da Loiça – Outrora, agora e por ali fora ...	309

14.3.5. Da Praça Agostinho Albano de Almeida – Bairro e vice-versa .....	311
14.3.6. Da Avenida D. Nuno Álvares Pereira a algumas povoações da freguesia do Olival .....	313
14.4. A actividade cívica e política de Artur de Oliveira Santos (1942-1954).....	314
14.4.1. O ataque político a Artur de Oliveira Santos em 1951 .....	316
14.4.2. As homenagens aos amigos .....	318
15. O internamento de Artur de Oliveira Santos em 1955.....	325
16. O falecimento de Artur de Oliveira Santos.....	335
16.1. A transladação de Artur de Oliveira Santos e de sua mulher Idalina para Vila Nova de Ourém.....	340
Reflexões Finais .....	345
APÊNDICES .....	353
BIBLIOGRAFIA .....	433

## PREFÁCIO

Com a consciência de que «a História totalmente objetiva é inviável» (p. 345), José Manuel Poças das Neves apresenta um estudo sobre Artur de Oliveira Santos, trabalho que pode ser lido como biográfico, mas que se mostra muito além do que a disciplina da biografia normalmente tipifica. *Artur de Oliveira Santos, um Republicano Idealista (1884-1955): o Administrador de Ourém ao tempo das Aparições de Fátima* é, na verdade, um capítulo de uma história maior que a historiografia de novecentos começou a construir e que, no futuro, virá a traduzir-se num aturado conhecimento do passado século XX, um século muito breve formado por conjunturas rápidas que se encontram já a ser avaliadas pelo labor dos historiadores.

Estudar Artur de Oliveira Santos, como se conclui pelo trabalho dado à estampa, é estudar um indivíduo com intervenção cívica na comunidade, mas, pela sua ação, sobretudo política, é estudar outrossim temas maiores como são o republicanismo português vivido ao tempo da I República, estudar a forma de viver republicana durante o tempo da Ditadura Militar e, inclusive, estudar a forma de ler indivíduos como Artur de Oliveira Santos na conjuntura que segue ao 25 de abril de 1974. É este o mérito mais claro do trabalho que é agora publicado e que mereceu, em 2018, o “Prémio Villa Portela”, promovido pelo Município de Leiria em ordem à valorização de «trabalhos de investigação sobre a História Local e o Património do distrito de Leiria e concelho de Ourém» (*Regulamento*, artigo 1.º).

Não sendo o mais importante, mas constituindo-se de importância maior também, soma-se ainda àquele, o mérito de retomar no âmbito da investigação o que verdadeiramente se constitui como um dossiê de Fátima, isto é, o papel que Artur de Oliveira Santos tem entre os protagonistas dos acontecimentos de Fátima e que lhe deu, por um lado, relevo extraordinário, mas, por outro, ensombramento sobre a sua ação muito mais vasta que a que decorre do dia 13 de agosto de 1917.

Um terceiro mérito – e é mérito do Autor, já revelado pelo seu currículo – pode definir-se pela forma como Poças das Neves trata a história local, tentando entretecer os microacontecimentos com os acontecimentos da chamada história política e social de um país e demonstrando que a região de Ourém, nas primeiras décadas do século XX, não era uma ilha, mas, ao invés, se constituía, “a tempo” – para fazermos uso de uma locução do mundo da música –, lugar de circulação de ideias e, por conseguinte, lugar ideologicamente

marcado, como os grandes centros urbanos da época. Demonstra o estudo agora publicado que a história local deve ser entrecidada com a história nacional, sublinhando-se que esta não é apenas pano de fundo daquela.

Não seria possível alcançar com sucesso os objetivos enunciados se Artur de Oliveira Santos não fosse figura maior da história portuguesa, a dever figurar nos dicionários sobre republicanismo. A sua ação revelou, como demonstra a documentação oficial e – mérito deste estudo também – a documentação particular que no arquivo da família o Autor consultou, a marca identitária de um republicano na teia de relações com os ideólogos do tempo e na teia de relações dos cargos políticos da época. Torna-se, assim, evidente que não pode fazer-se a história de Artur de Oliveira Santos sem o considerar parte da história da república portuguesa; torna-se evidente, outrossim, que o contrário não pode, também, levar-se por diante, mostrando-se particularmente interessante a leitura ideológica do velho republicano na III República, quando da sua trasladação para o cemitério local, altura em que é novamente apelidado de democrata, epíteto que os jornais lhe atribuíram na segunda década de Novecentos e, por ocasião da sua morte, em 1955.

Na verdade, a sua vida quase pode ser lida à luz das vicissitudes relativas à “nova” bandeira de Ourém que ajudou a construir, antes e depois do seu exílio em Espanha. O estandarte que encomenda em 1927 e que, durante longos anos, fica por terminar mostra-se bem metáfora da vida de João de Ourém, pseudónimo do que sempre esteve ligado à sua cidade, ao ponto de sobre ela várias vezes escrever pública ou intimamente.

O biografado tem, aliás, clara noção do valor da escrita e do que ela significa na semântica do republicanismo de tribuna bem espelhado em intervenções como a que segue: «Lutemos pois pela causa da República, única forma de governo que nos poderá redimir e salvar, encetando uma nova era de Justiça, de Moral e de Liberdade, trindade augusta em que se resume a felicidade e prosperidade da nossa querida Pátria (...) Viva a República!» (*O nosso programa*, editorial do primeiro número do jornal *A Voz de Ourém*, que funda em 23 de agosto de 1908). É esta fé, herdeira da convicção de que pela cultura e educação cívicas, afastadas da ideia religiosa, se alcançam os desígnios do Positivismo, que parece ter seguido até ao final da sua vida, fazendo uso da palavra como arma, ainda que não esteja livre da suspeição de estar relacionado com outro tipo de ações armadas que envolvessem dinamite. Não causa espanto, por conseguinte, que o seu nome apareça no rol dos “revolucionários civis” que em 9 de julho de 1917 a Câmara dos Deputados apreciou em ordem a cargos públicos que premiavam a ação dos que se moviam no âmbito da Carbonária. Não causa espanto, outrossim, que pela vida do biografado se notem as tensões existentes, na forma de estar em sociedade, entre republicanismo e comunismo.

Não causa admiração, também, que Artur de Oliveira Santos tenha sentido necessidade de se defender várias vezes, usando a palavra impressa com a

qual convivía de forma próxima, trazendo à memória o seu currículo cívico de ter pertencido «a todas as comissões municipais políticas, às direcções de todos os Centros Republicanos e de todos os *comités* revolucionarios», de ter «dirigido trez jornais, assumido o logar de administrador do concelho por diversas vezes e feito parte de Comissões Administrativas do Municipio». Como se observa bastas vezes ao longo do estudo de Poças das Neves, o uso que da imprensa Artur de Oliveira Santos fazia, para defesa dos ideais e para justificação das suas ações e tomadas de posição, mostra-se prova de um homem de pensamento, claramente consentâneo com os mais modernos contextos da política contemporânea. Seria importante, por isso, que o futuro, pela mão do Autor deste trabalho ou pelas mãos dos que neste trabalho venham a tomar inspiração, pudesse reunir os escritos daquele que a sociedade do tempo apelidou de «funileiro» ou «latoeiro» e observar a linha de pensamento político e os interesses pela escrita que Artur de Oliveira Santos demonstra, porquanto faz da palavra escrita instrumento de ação e de memória, quer na imprensa, quer na epistolografia que deixa para a história da sua vida e da época em que vive.

A aguda consciência do valor da escrita percebe-se a cada passo, facto a que não são alheios os seus últimos escritos, as cartas do ano em que virá a falecer, nas quais se lê, entre outros aspetos, o afirmar das suas convicções antirreligiosas. Assim se vê na carta que escreve a sua irmã Amélia, já no contexto da doença avançada: «não morri, porque tive fé[,] não em fantasmagorias, mas de mim mesmo», pois «N. S. da Ajuda, dos Aflitos, do Amparo, das Necessidades[,] etc. brilharam pela sua ausência; coitadas, naturalmente[,] estavam muito preocupadas com a freguesia que lhes não falta, principalmente nos dias de festa em que os papalvos, os pobres de espirito, lhes vão dar as suas dadas que vão encher a barriga aos falsos apóstolos de Cristo [...]» (carta de Artur de Oliveira Santos para Amélia de Oliveira Santos, de 21 de abril de 1955); assim se verifica também na carta enviada, por esses dias, ao cunhado: «se eu morrer[,] já sabem que o enterro é civil» (carta de Artur de Oliveira Santos para Bento Pereira, de 23 de abril de 1955); assim se observa, ainda, na carta a um correligionário também no término da sua vida: «se morrer[,] funeral civil» (carta de Artur de Oliveira Santos para José das Neves, de 13 de junho de 1955).

Não sabemos se Artur de Oliveira Santos teria consciência de que viria a ser objeto de estudo da disciplina histórica, mas é legítimo pensar que sim; ou pelo menos legítimo será pensar que, no futuro, fosse por historiadores fosse pelos que com o seu espólio viessem a lidar, queria ser lido na forma correta. Intuindo que uma pagela com iconografia religiosa (eucarística) deixada no seu leito de doença, no hospital de Arroios, viesse a ser tomada como elemento denunciador de que, no final da vida, pudesse ter-se aproximado da religião, escreve no verso, para memória futura: «deixado na cama quando eu estava a dormir por rapazes e raparigas da “Acção Católica”». De